

EDITORIAL

Criada em 1976 pela Associação de Geografia Teorética (AGETEO), GEOGRAFIA se consolidou como um dos principais periódicos geográficos do Brasil. Sua história se confunde com a própria história do curso de graduação e do curso de Pós-Graduação, logo, os artigos, resenhas e notas publicadas durante mais de quatro décadas contam a história de uma das principais escolas de Geografia do país, a Geografia de Rio Claro.

Para dar continuidade a este legado, GEOGRAFIA, após 43 anos sob responsabilidade da AGETEO, inicia uma nova fase passando a ser editada por uma comissão composta por docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro. Com a mudança, buscamos manter comprometimento com a divulgação do conhecimento geográfico, bem como de outras áreas do conhecimento, nacional e internacionalmente, caracterizando-se, assim, como uma revista democrática e de alto nível, o que pode ser observado nas publicações e em seu corpo de avaliadores.

No começo dessa nova fase, lançamos o primeiro número do volume 44. Nessa edição oferecemos aos leitores oito artigos científicos, dentre os quais sete estão relacionados ao “II Congresso Brasileiro de Organização do Espaço”, evento realizado em 2019 e que teve como tema “Soberania e ciência no século XXI: a decolonialidade do saber como novo paradigma geográfico?”.

O primeiro artigo deste número, de autoria de Aureanice de Mello Corrêa, ao reconhecer que as influências dos povos africanos no mundo atlântico não se limitaram à recriação e ressignificação de símbolos, signos e significantes apenas no Novo Mundo, se insere dentre os temas da Geografia Subversiva. Nesse texto, a autora versa sobre o movimento de territorialização empreendido pelos povos negro-africanos na formação dos territórios-terreiros de Candomblé no Brasil por meio da prática religiosa e como esta ação, efetuada a partir dos agenciamentos territoriais, se realizou.

O segundo e o terceiro artigo, versam sobre o mesmo tema central, o desenvolvimento regional brasileiro. No segundo temos o artigo de Eliane

Tomiasi Paulino, que versa sobre as dinâmicas territoriais no desenvolvimento brasileiro e nos oferece um diálogo sobre os entraves históricos de construção do território brasileiro, marcado pela concentração da terra e da riqueza, além da violência que é, dialeticamente, resultado das desigualdades sociais.

Ao propor uma discussão sobre a espacialidade do desenvolvimento brasileiro desigual, o artigo de Elson Luciano Silva Pires faz uma leitura crítica das vertentes teóricas do desenvolvimentismo economicista, procurando destacar a importância das teorias espaciais nas ciências sociais. No artigo autor resgata o debate sobre o desenvolvimento regional empreendido nos governos FHC-Lula-Dilma, para entender a relevância do tema do desenvolvimento territorial e da necessidade de uma efetiva Política Nacional de Desenvolvimento Regional.

O texto de Ângela Massumi Katuta, no que lhe concerne, tem como principal objeto de análise a mercantilização e financeirização da educação em nosso país no contexto do neoliberalismo. Ao apresentar as origens de tais processos e seus desdobramentos na produção do currículo no Brasil, a autora retoma o contexto de produção curricular no processo de abertura política do país, momento no qual emergiram experiências desde as teorias críticas e do campo popular, elaboradas por grupos e movimentos sociais organizados.

No quinto artigo, Eduardo Donizeti Giroto e Ana Cláudia Carvalho Giordani, discutem princípios para ensinar-aprender geografia na escola pública que devem romper com projeto societário imposto pelo neoliberalismo. Após descreverem o contexto de ampliação das desigualdades e violação de direitos, marcas do projeto societário neoliberal em execução no Brasil, oferecem, com base em uma perspectiva crítica, um diálogo sobre a construção de outro projeto societário. Projeto que deve ser construído desde as escolas e que exige a reinvenção de práticas e o reconhecimento das diferentes geografias que fazemos, em diferentes contextos e que, reunidas, tecem novas grafias a muitas mãos e abrem as possibilidades das ações em defesa de outro projeto societário.

Preocupado em transmitir a ideia de que é preciso conhecer mais os sistemas naturais e identificar os sinais que eles exibem há tempos, o artigo apresentado por Rosemary Vieira parte de uma abordagem sobre a

complexidade dos sistemas naturais e como a falta de entendimento de sua dinâmica e funcionamento potencializam as consequências das mudanças climáticas, manifestadas pelos eventos extremos e comprovadas majoritariamente pelos cientistas. Para ilustrar sua preocupação, utiliza como exemplos dois eventos: os deslizamentos em grande escala na Região Serrana, em 2011, e os efeitos da erosão costeira na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro.

A epistemologia e autonomia da Geografia brasileira aplicada à análise das dinâmicas da paisagem é a problemática apresentada no artigo de Dirce Maria Antunes Suertegaray. Ao tratar do conceito de paisagem, em articulação com as diversas possibilidades de caminhos interpretativos, a autora demonstra as perspectivas de análise do espaço geográfico, no qual a paisagem constitui uma das possibilidades de particularizar a teia de relações que configura o espaço analisado pela Geografia.

O oitavo e último artigo desse número, de autoria de Alessandra Rodrigues Guimarães e José Giacomo Baccarin, traz como temas centrais a (re) produção da agricultura familiar, os assentamentos rurais e as políticas públicas voltadas à aquisição de alimentos (PNAE e PAA). No artigo, os autores analisam a autora analisa a efetividade das políticas públicas no assentamento Dom José Mauro, localizado no município de Uberlândia (MG), com o intuito de verificar se as famílias conseguem permanecer em suas terras e continuarem produzindo em seus lotes.

Com essa nova edição, esperamos estimular a reflexão, o debate e o pensamento crítico de nossos leitores em torno de questões que tangem a Geografia e áreas afins. Por fim, reforçamos o compromisso deste periódico na divulgação do conhecimento científico, nacional e internacionalmente, abrindo espaço para todos os temas e enfoques que a Geografia pode abarcar, caracterizando-se, assim, como uma revista democrática e de alto nível.

Conselho Editorial